

# **O SILÊNCIO DAS FILHAS**

**JENNIE MELAMED**

Tradução de Léa Viveiros de Castro

**ROCCO EDITORA**

Agradecimentos

Créditos

A Autora

## PRÓLOGO

Vanessa sonha que é uma mulher feita, cheia de corpo e de preocupações. Suas duas filhas, ágeis e graciosas, estão dançando e pulando na praia enquanto ela olha da relva onde a areia termina. Seus vestidos brancos esvoaçam, como polpa de maçã ou pedra branqueada pelo sol. Um sol quente se estilhaça na superfície da água, lascas luminosas deslizando sobre as pequenas ondas como uma película quebrada e cintilante. Uma filha para, se vira e acena animadamente, e Vanessa, com o coração sufocado de amor, acena de volta. As meninas se dão os braços e giram, rindo alegremente, até caírem deitadas na areia.

Erguendo-se e cochichando uma no ouvido da outra, elas levantam os vestidos e entram no mar. *Não vão muito longe!*, grita Vanessa, mas elas fingem não escutar. Caminhando com as pernas abertas como garças desajeitadas, molhando a barra dos vestidos, elas examinam a água em busca de peixes e caranguejos, até que a mais nova se vira e grita: *Nós vamos nadar, mamãe!*

*Mas vocês não sabem nadar!*, Vanessa grita, apavorada. Inútil, elas mergulham na água e começam a se afastar, batendo as pernas esbeltas e afastando a água com as mãos. Rapidamente, levadas por uma forte corrente, elas ficam cada vez menores. Vanessa tenta correr até a beira do mar, mas seus pés estão presos, enfiados na terra como raízes de árvores, suas pernas paralisadas feito tocos sem vida. Ela abre a boca para chamá-las de volta, mas em vez de dizer às filhas para voltar para a praia, ela se vê gritando, *Nadem mais depressa! Saiam daqui, saiam agora!* O sol desaparece e o mar fica escuro, encrespado e forte, e os rostos amados se tornam meros pontinhos. Vanessa cerra os punhos, fecha os olhos, e grita, *Não voltem nunca mais! Eu matarei vocês se voltarem! Eu juro que matarei as duas!* As meninas desaparecem no horizonte, e Vanessa enterra o rosto nas mãos e chora.

*Ladra*, sussurra uma voz que parece vir de toda parte, ecoando e

gemendo em seu peito. *Blasfema*. A terra amolece e ela atravessa um mar de lama escura e cai no fogo negro da escuridão eterna. Seus ossos quebram como gravetos. Girando a cabeça violentamente sobre um pescoço quebrado, ela vê as filhas estrebuchando ao seu lado, suas pernas frágeis vergando e se estilhaçando enquanto seus vestidos brancos queimam.

Então o pai está lá, sacudindo-a, abraçando-a.

— Vanessa, se acalme — ele diz, enquanto ela treme e chora. — Foi só um sonho.

Ela relaxa os punhos e vê, na luz cinzenta da aurora, que fez pequenos cortes em forma de lua crescente nas palmas das mãos.

— O que você estava sonhando? — pergunta o pai, sonolento.

— Não me lembro — responde, e não importa quantas vezes o sonho venha assombrá-la, dissolvendo-se em seu cérebro quando recobra com dificuldade a consciência, ela sempre diz a ele que não se lembra. Sabe instintivamente que isto não é algo que se possa oferecer livremente a adultos, como uma flor ou um abraço. Este sonho, a encarnação da blasfêmia, é um segredo vergonhoso profundamente enraizado como um dente ou uma unha. E o pai, resmungando um pouco enquanto beija sua testa suada, nunca tenta arrancá-lo dela.

Às vezes, ao longo da manhã depois do sonho, ela olha para a mãe e imagina o que gritaria se Vanessa estivesse nadando para longe dela, em direção às terras devastadas.

# PRIMAVERA

## CAPÍTULO UM

### *Vanessa*

A longa aula de gramática terminou, e o Sr. Abraham está agora falando sobre encharcar e curar o couro. Enquanto divaga sobre técnicas para concentrar urina, Vanessa respira de leve e com cuidado, como se seus pulmões estivessem prestes a serem queimados pelo cheiro acre do couro curando em seus tanques. O odor meio avinagrado, meio almiscarado paira no ar durante semanas no início da primavera, e ela já decidiu que jamais irá se casar e nem mesmo morar perto de um curtidor de couro. Mantendo os olhos abertos e o rosto atento, ela mergulha em devaneios de verão. Quando Letty estende a mão para trás para coçar o ombro e deixa cair um bilhete em sua carteira, Vanessa volta assustada ao presente. Usando as unhas roídas para abrir o pedacinho de papel, ela lê:

*Você acha que foi a primeira vez dela?*

Meia hora antes, Frieda Joseph rompeu em prantos enquanto tentava pronunciar a palavra “nabo”. Não eram lágrimas de frustração, mas grandes soluços, como se tivesse levado um soco na garganta. O Sr. Abraham levou-a para fora da sala. Ele deve tê-la mandado para casa, porque voltou sem ela.

A cadeira de Frieda se destaca ali, vazia. Todas as meninas ao redor estão olhando cuidadosamente em outra direção. Tem uma mancha de sangue na madeira, brilhante e irregular, uma gota formando uma crosta no chão. Todo mundo sabe que ela não estava ali na véspera.

Vanessa fica calada, pensativa, e Letty se agita na cadeira e finalmente se vira para lançar um olhar questionador para ela. Incomodada, Vanessa sacode os ombros secamente para a garota.

Letty torna a olhar para a frente e rasga uma pequena tira de papel. Escreve algo com o lápis fino de carvão, se espreguiça acintosamente e o

deixa cair na carteira de Vanessa.

Vanessa pega o papel e o coloca no colo, fazendo força para ler. O carvão está borrado e ela mal consegue distinguir as palavras: *Que bebezinha. Eu não chorei na minha primeira vez.*

Vanessa morde a língua, exasperada. Destacando cuidadosamente um pedaço de papel do seu maço, escreve, *Mentirosa.* Esticando-se para a frente, ela o deixa cair no colo de Letty como se fosse uma pequena borboleta amarela. Letty lança um olhar magoado para Vanessa e, então, se volta comportadamente para o Sr. Abraham e finge interesse. Vanessa começa a enrolar a ponta da trança nos dedos, desejando estar lá fora, correndo.

Todas as meninas usam tranças, macias e sinuosas sobre os ombros, e brincam com elas quando estão nervosas ou excitadas. Este é um tique profundamente arraigado, e quando se tornam mulheres e penteiam os cabelos para cima, seus dedos esvoaçam inutilmente no ar enquanto tentam lembrar o que está faltando. Bainhas são outro alvo favorito para dedos nervosos, e é raro um vestido de menina que tenha uma bainha direita, bem costurada. Hoje, elas estão vestindo o que quer que suas mães tenham achado adequado para maio, o que deixa algumas com frio e outras com calor. Alguns vestidos são cor-de-rosa escuro, outros são amarelo-alaranjados, enquanto outros são simplesmente da cor branca encardida da lã não tingida. Os vestidos são manchados e escuros nas axilas e sujos de restos de comida. O verão é época de tecer e costurar, e os vestidos serão encurtados ou encompridados, esfregados e reutilizados, ou dados para uma família com uma menina mais nova. Enquanto as mais velhas usam vestidos mais novos, as menores estão sempre nadando em trajes puídos prestes a se desmanchar.

Enquanto o Sr. Abraham continua falando, Vanessa queria que houvesse papel suficiente para desenhar, mas os viajantes decidiram alguns anos atrás que a ilha devia produzir seu próprio papel, em vez de confiar nos maços remanescentes das terras devastadas. O Sr. Joseph, o plantador de árvores, tem feito experiências, mas a produção deste ano é um grande fracasso; o papel se desmancha facilmente. Mesmo assim, eles sabem que não devem desperdiçá-lo. Quando Bobby Solomon desenhou uma ovelha soprando fogo numa de suas folhas de papel, seu professor, Sr. Gideon, deu-lhe uma surra tão grande que ele passou dias mancando.

O relógio parece girar mais devagar quando as três horas se aproximam, os ponteiros se arrastando e gaguejando. Vanessa pensa se o Sr. Abraham se lembrou de dar corda nele de manhã. É um objeto bonito, feito de cobre das áreas devastadas e cheio de pequenos mecanismos e rodinhas, como besouros amarelos infinitésimos, tão pequenos que dariam num dedo indicador. Por mais que o pastor Saul goste de falar sobre pecado e guerra, Vanessa não consegue deixar de pensar que eles estavam fazendo alguma coisa certa nas terras devastadas se inventaram instrumentos tão milagrosos.

Gabriel Solomon trouxe algumas partes para a escola no ano passado, roubadas do relógio de pé do pai dele, que recebeu os preciosos objetos dos viajantes. As crianças se reuniram em volta dele, sempre impressionadas por mercadorias das terras devastadas, implorando para tocar nas peças pequeninas e brilhantes. Às vezes, quando Vanessa vê as estrelas, imagina pequenas engrenagens de um relógio quebrado, atiradas na escuridão. Queria que seu pai fosse um relojoeiro, embora um viajante seja muito mais importante. *O viajante sagrado percorre as terras devastadas sem se tornar parte da doença*, o pastor Saul gosta de dizer. Vanessa uma vez perguntou à mãe de que doença ele estava falando, mas ela não sabia. Perguntou ao pai, e ele falou das doenças que assolaram as terras devastadas depois da guerra. Entretanto, ele se recusa a contar a ela sobre a guerra em si; nunca fala disto. Vanessa tentou várias formas graciosas de fazer perguntas ao pai — ele gosta da inteligência dela, mas, apesar dos esforços da filha, se recusa a falar da guerra. Ela também não consegue encontrar nada sobre isso na biblioteca. Tudo que aconteceu deve estar em livros, em algum lugar, mas nenhum daqueles a que tem acesso se mostrou útil.

Enfim o relógio marca cinco para as três. O Sr. Abraham apaga o quadro na frente da sala, limpando os detritos de giz da aula, e as crianças se levantam automaticamente com a cabeça inclinada e as mãos cruzadas. Cerimoniosamente, o Sr. Abraham pega um exemplar do *Nosso Livro*, o único livro escrito na ilha. É escrito a mão em papel das terras devastadas e encapado com o couro mais forte possível, mas mesmo assim ele tem que usar um dedo para evitar que as folhas soltas voem para o chão como folhas sagradas, mortas.

*“Do fogo da maldade nós brotamos, como um galho verde de uma árvore*

*podre*”, ele lê. *“Das terras devastadas da miséria vieram os homens trabalhadores do progresso e da esperança. Do terror da guerra vieram nossos ancestrais para nos protegerem do mal.”* Como as demais, Vanessa repete as palavras junto com ele: *“Da terra devastada e purificada pelo castigo vieram as flores da fé e um novo caminho. Com os ancestrais para nos guiar, cresceremos e prosperaremos em um caminho reto e estreito. Ó ancestrais, os dez primeiros santificados, rogai a Deus por nós e salvai-nos das impurezas. Amém.”*

“Amém”, as meninas repetem. Em silêncio, saem em fila da sala e depois se espalham, seus calcanhares batendo no chão de madeira como um punhado de pedras atiradas no chão. As meninas se misturam com as outras turmas, fileiras de meninos de calças remendadas e camisas compridas, crianças menores gritando e correndo alegremente. Sarah Moses pega o braço de Vanessa enquanto elas descem correndo a escada na direção do ar úmido.

— Aposto que vai chover logo — Sarah diz, olhando para o céu nublado. Seus cabelos estão crespos da umidade e delineiam sua cabeça num halo irregular.

— Nem estamos em junho ainda — Vanessa responde zangada. — Nunca chove antes de junho.

— Os pássaros já estão se entocando nas árvores — Sarah retruca alegremente. — Mamãe diz que é um sinal. Tom passou o inverno todo amolando pedras.

Vanessa revira os olhos. Tom Moses sonha em fabricar armas, mas até agora só fez atirar pedras e sair correndo, gritando. — Ele não devia estar ajudando o seu pai a tecer? — ela pergunta irritada para Sarah.

— Ele ajuda — Sarah diz. — Nós fizemos muito tecido este inverno, o fio do Sr. Aaron está bom este ano. Teremos um monte depois do verão. O rebanho novo de ovelhas que eles trouxeram das terras devastadas ajudou muito. Às vezes, os cordeiros são manchados.

— Eu sei — Vanessa responde. Todo mundo gosta de olhar para os cordeiros manchados quando eles saem de dentro de suas mães. Quando crescem, parecem sujos de lama, embora as chuvas ainda não tenham começado. — Isso significa que o fio é marrom?

— É amarelado — Sarah diz. — Não parecendo sujo, só diferente. — Vanessa balança a cabeça, pensativa, imaginando se os viajantes tiveram

que pegar cada ovelha separadamente, ou se encontraram um rebanho inteiro delas. Animais novos são raros, mas isto foi um golpe de sorte; cerca de metade dos cordeiros da ilha tinha começado a morrer de uma doença desconhecida, e a lã há anos que era fraca e quebradiça.

Apesar do calor úmido, Vanessa aprecia a caminhada até em casa. Melros estão piando nas árvores, e o mato alto treme com a vida animal escondida no fundo; a corrida ritmada de um coelho ou o caminhar furtivo de um gato caçando. Evitando os campos de vegetação rasteira, ela caminha pelas campinas de vegetação alta até os joelhos, deixando que o capim roce em suas pernas com movimentos rápidos.

Em casa, a mãe fez biscoitos. Ben, o irmão de três anos de Vanessa, parece que passou o dia todo comendo-os. Achando graça, Vanessa limpa os farelos dourados de seus cachos louros e é recompensada com um sorriso molhado de leite. A mãe se aproxima dela com dois biscoitos de milho e mel num prato de barro e leite fresco na caneca favorita de Vanessa. Atentamente, a menina mexe o leite com um dedo e vê as bolhas de creme amarelado subirem à superfície. Molha um biscoito no leite e lambe devagar cada gota de creme agarrada à massa doce do biscoito.

Oito anos atrás, quando Vanessa tinha cinco anos e seus avós tomaram a poção final, a família se mudou para essa casa, deixando a velha para a irmã de sua mãe. Como a maioria das casas da ilha, é construída quase inteiramente com madeira das terras devastadas, tratada com uma tintura que a protege contra água feita pelo tinturista Sr. Moses. Embora a casa em si seja sólida e bem construída, a cozinha de Adam é a melhor da ilha. O pai, que gosta de construir coisas, começou a trabalhar na cozinha assim que seus pais foram enterrados, acrescentando gavetas especiais, que podiam guardar farinha ou grãos, e hastes de metal a distâncias diferentes da lareira, com uma porta de barro para fechar, de modo que o cômodo não se enchesse de fumaça. Colocou pedras cinzentas e roxas se abrindo em leque a partir da porta do fogão, e as mais próximas podiam ser usadas para manter a comida quente. Vanessa se lembra da mãe andando pela cozinha nova sorrindo, maravilhada, e lançando olhares de felicidade para o pai, cheios de um desejo estranho que Vanessa não conseguia avaliar.

A joia da coroa de toda a casa é a mesa da cozinha, também feita de

madeira das terras devastadas, mas brilhando com tintas iridescentes douradas e vermelhas. Ela está há anos na família do pai, e traz as marcas do uso: uma mancha escura de queimado no meio, arranhões ao longo das pernas. Para protegê-la de outros estragos, a mãe cobriu-a quase completamente com uma manta de tecido grosso, mas Vanessa gosta de levantar as beiradas e passar os dedos pela madeira vermelha, vendo os traços de gordura deixados por sua pele.

— Cuidado para não derramar — diz a mãe quando Vanessa pressiona a mesa com os dedos. — O pai quer que você vá cedo hoje para a cama — acrescenta. — Ele diz que você não está dormindo o suficiente. — Vanessa olha para ela, mas a mãe está ocupada, raspando migalhas queimadas para dentro de um balde perto da parede. Suspirando, mergulha os dedos no leite e os pressiona sobre as migalhas restantes de biscoitos, fazendo uma pasta. — Ah, e Janet Balthazar está prestes a parir, então nós vamos ajudar. Provavelmente nos próximos dias.

Vanessa estremece. Janet Balthazar já teve dois bebês defeituosos, que nasceram azuis, pegajosos e mortos como minhocas mortas numa poça d'água. Se ela tiver um terceiro bebê defeituoso, não vai poder ter mais filhos. Seu marido, Gilbert, será incentivado a tomar outra esposa. Às vezes, as mulheres escolhem tomar a poção final a viver uma vida sem filhos. O pastor Saul gosta de elogiá-las.

Vanessa não consegue imaginar o quieto e chato Gilbert Balthazar tomando grandes decisões. Ele e Janet provavelmente ficarão velhos e tristes, e então morrerão tranquilamente e sem confusão, uma vez que ele é inútil demais para fazer qualquer coisa. Tomara que já tenha ensinado a alguém o ofício de ferreiro quando isso acontecer. Todos os meninos querem aprender, apostando que ele não vai conseguir ter filhos e terá que treinar o segundo filho de alguém. Está constantemente expulsando-os de perto do seu fogo e gritando para eles irem brincar.

— Nós temos que ir? — questiona Vanessa. Ela se lembra de Janet parindo seu último bebê defeituoso, que era horrível e repulsivo.

— É nosso dever — diz a mãe, o que significa sim.

— Eu posso entrar na biblioteca? — Vanessa pergunta.

— Se suas mãos estiverem bem limpas — diz a mãe. Vanessa recita baixinho a frase seguinte junto com a mãe: — Quero que se lembre da

sorte que tem por ter livros tão perto de você. Ninguém mais na ilha tem esse privilégio.

Todos os viajantes são também colecionadores. Como não o seriam, se percorrem os detritos do passado da civilização? Cada família de viajante não apenas herda uma pilha de tesouros, mas aumenta essa pilha cada vez que o viajante visita as terras devastadas. Às vezes, é tudo uma mixórdia: louça florida delicada, joias cintilantes e peças de máquinas. Às vezes, há um tema; o viajante Aarons tem quadros e esculturas de cavalos, suas pernas fortes saltando enquanto seus pescoços delicados se esticam para a frente, misteriosos para crianças da ilha que nunca viram nada maior do que uma ovelha ou mais rápido do que um cachorro. O pai, como todos os Adam desde seu primeiro ancestral, traz de volta livros. A biblioteca deles é quase tão grande quanto todos os outros cômodos da casa somados. O pai escondeu alguns dos livros num armário fechado, dizendo que eles são apenas para os olhos dos viajantes, e Vanessa nunca conseguiu abrir a fechadura. Mas a maioria conta apenas histórias, e estes ele mantém orgulhosamente nas prateleiras que cobrem todas as quatro paredes. Os livros são fantásticos em sua variedade: alguns são pequenos como a palma de uma mão, outros tão grandes que Vanessa tem que apoiá-los na barriga para levantá-los. São cobertos pelo couro mais fino que ela já viu, ou por um tecido tão compacto que dói os olhos para enxergar a trama, ou por papel grosso cheio de ilustrações que nunca descascam. Vanessa acha que o livro mais bonito é o que tem uma camada muito fina de ouro na beirada das folhas, de modo que, quando está fechado, o livro parece um tesouro brilhante. Apesar de sua aparente glória, o livro *As inovações do Sacro Império Romano* não tem ilustrações para dizer a Vanessa o que foi o Sacro Império Romano, e nenhuma definição para contar exatamente o que ele inventou.

O pai risca todas as datas de publicação dos seus livros, dizendo que os anos das terras devastadas são inúteis, mas deixa os nomes dos autores e tudo o mais. Os nomes espantam Vanessa por sua estranheza. *Maria Callansworth. Arthur Breton. Adiel Waxman. Salman Rushdie.* Na ilha, todo mundo tem o sobrenome de um ancestral. Nomes próprios são aprovados pelos viajantes, os nomes de pessoas das ilhas que já morreram. Vanessa acha o nome dela tolo; preferiria chamar-se Salman.

Existem livros na escola, livros enormes que os alunos compartilham durante as aulas. Na escola, eles não riscam as datas, mas isso não significa muita coisa, porque ninguém sabe em que ano os ancestrais chegaram na praia. Como nos livros do pai, os nomes dos locais de publicação são sensacionais, mas impossíveis de pronunciar. Filadélfia, Albuquerque, Quebec, Seattle. Os alunos inventaram histórias sobre como eram esses lugares antes de tudo se tornar terra devastada. A Filadélfia tinha prédios altos e dourados que brilhavam ao sol; Albuquerque era uma floresta sempre pegando fogo; Quebec tinha verões tão frios que as crianças morriam congeladas em segundos se ficassem do lado de fora; Seattle ficava sob o mar e mandava livros para a terra por túneis de metal.

Vanessa acha chatos muitos dos livros da biblioteca do pai. Uma vez, o pai deu um para ela dizendo que era bom para meninas, mas era sobre pessoas que não se tratavam pelos nomes próprios e que só pensavam em se casar (um processo que pareceu assustadoramente complicado). O pai achou graça do comentário dela e deu-lhe para ler *O chamado selvagem*, que ela leu oito vezes. Há cães na ilha, mas não grandes e fortes e ferozes, como no livro. Ela aprendeu muito com ele; tudo sobre trenós e competições e fogueiras ao ar livre, e lobos. Às vezes ela sonha que está sozinha no frio, viajando pela vastidão coberta de neve com lobos selvagens ao lado dela.

Hoje, Vanessa pega um livro chamado *Picasso cubista* e dá uma olhada nas ilustrações. As primeiras páginas foram arrancadas e o resto são só figuras. O pai diz que não sabe o que é Picasso ou cubista. Ela gosta das estranhas imagens mostrando coisas que não existem, pessoas adultas com olhos dos lados da cabeça, como defeituosos. Lindy Aaron uma vez deixou que ela tocasse num quadro, embora fosse proibido, e ele era áspero e grosso. Estas imagens parecem ser assim também, mas sob sua pele há apenas papel.

Após algum tempo, Vanessa se cansa de ficar em casa e sai. Fazendas e jardins se espalham, verdes, em zigue-zague sob o sol, e o pomar de Saul é uma linha escura e embaçada no horizonte. Como o pai é um viajante, ele recebe regularmente de todas as famílias da ilha os alimentos mais frescos e deliciosos que as plantações, os quintais e o mar têm a oferecer; a família de Vanessa só precisa, portanto, ter uma pequena horta, e o

capim macio balança ao vento em volta da casa deles.

Um cachorro está correndo ali perto, castanho e magro. Vanessa o chama e ele vem saltitando alegremente. É Reed, um dos cães de Joseph. Reed põe a cabeça grande no peito de Vanessa e grunhe, e esfrega a cabeça como se quisesse entrar na sua caixa torácica. Vanessa coça as orelhas do cão, e o calor da testa de Reed se espalha por ela. Ela gostaria de ser um cachorro; não teria outra coisa a fazer a não ser correr ao ar livre e comer. Embora tantas ninhadas de cachorrinhos sejam afogadas que ela teria sorte se conseguisse sobreviver.

O jantar é carneiro com batatas. Vanessa não gosta de carneiro, embora a mãe sempre diga a ela para agradecer por qualquer carne que tenham. Suas tentativas de agradecer falharam; o carneiro tem gosto de terra. O pai o come com gosto, mordendo as fibras e mastigando com prazer. Olhando em volta, ela vê bocas mastigando, transformando a carne em lama, e cerra as mandíbulas, sentindo um enjoo no estômago. Morde um pedacinho de batata com manteiga e a pele tostada do carneiro. O pai acaba reparando e diz, “Vanessa”. Forçando o carneiro pela goela, a menina quase não mastiga, fingindo que é um cachorro. Cachorros não mastigam, só engolem.

— Quer alguma coisa para ajudá-la a dormir esta noite? — a mãe pergunta. O pai franze a testa. Ele acha que poção para dormir é algo desnecessário e sempre fica desapontado quando Vanessa toma. Vanessa faz sinal que sim para a mãe, sem olhar para ele. Seu copo de leite noturno tem um gosto amargo.

Aquela noite, Vanessa quase não acorda. Quando o faz, o vento está fazendo tudo se mover ritmicamente, e galhos de árvore estão batendo nas paredes. *Já é quase verão*, ela pensa, e então a escuridão a envolve mais uma vez.

## CAPÍTULO DOIS

### *Vanessa*

A igreja fica metade no subsolo. A mãe diz que, quando era pequena, ela ficava quase toda na superfície, mas que vem afundando desde então.

Quando os ancestrais vieram para a ilha, construíram uma enorme igreja de pedra antes mesmo de construírem suas casas. O que não sabiam era que uma construção tão pesada iria afundar na lama durante as chuvas de verão. A enorme igreja desaparecia pouco a pouco sob a superfície, seus paroquianos curvando inconscientemente os ombros cada vez mais enquanto a luz que vinha das janelas ia ficando tapada, como uma cortina preta sendo puxada para cima. Impávidos, os construtores acrescentaram mais pedras, e a igreja, em resposta, continuou afundando. A cada dez anos mais ou menos, quando o telhado está quase nivelado com o chão, todos os homens da ilha se juntam para construir paredes de pedra sobre ele, e o telhado se torna o novo chão. Vanessa perguntou à mãe por que eles não podiam simplesmente usar madeira, mas a mãe disse que era tradição, e seria desrespeitoso para com os ancestrais mudá-la. Todas as pedras que serviam da ilha já foram transformadas em paredes desaparecidas da igreja. Os viajantes têm que trazer aos poucos novas pedras das terras devastadas; se tentassem trazê-las todas ao mesmo tempo, a embarcação afundaria.

Vanessa não pode deixar de pensar que, se estivesse no comando, construiria a igreja de um modo diferente, para que durasse mais. Mas ela desconfia que quando for adulta não verá problema com o método atual de construir uma igreja. Nunca viu um adulto expressar outra coisa que não entusiasmo pelo processo de construir e depois afundar a igreja.

As pedras que os viajantes trazem são bonitas e multicoloridas, e Vanessa gosta de sua textura, do modo como sobressaem nas paredes de

barro. Gosta de passar as mãos pelas pedras mais lisas, do mesmo modo que gosta de esfregar uma pedrinha redonda que guarda no bolso. Uma pedra tem o fóssil de uma pequena enguia impresso nela, e todas as crianças gostam de ver os desenhos graciosos dos seus ossos.

É decepcionante descer o longo lance de degraus e entrar na igreja escura. As janelas são cuidadosamente feitas de fragmentos maiores de vidros, o que faz com que pareçam fraturadas, como se alguém as tivesse quebrado e depois colado de novo. Atualmente, elas estão meio enterradas na lama preta. A luz do sol paira de leve perto do teto, espalhando-se em delicados véus. Vanessa sempre observa cuidadosamente as janelas, mesmo quando está ouvindo o sermão. Letty jura que um dia um animal enorme, como uma grande minhoca, mas com dentes, nadou de encontro a uma vidraça até achatar sua barriga branca sobre ela, retorcendo-se e mordendo até ir embora, contorcendo-se. Há várias lendas sobre enormes criaturas subterrâneas, maiores do que a própria igreja; elas rastejam na lama do verão, enroscando-se em volta das crianças num abraço forte e macio e depois engolindo-as inteiras.

Os bancos são de madeira encerada, a mais lisa encontrada na ilha. Embora estejam gastos com a marca de centenas de traseiros, Vanessa ainda desliza neles desconfortavelmente; ela nunca encontra um lugar para se ajeitar. O pastor Saul está em seu púlpito, emoldurado pela enorme parede de pedra atrás dele.

Como sempre, está falando dos ancestrais. “Eles vieram de uma terra onde a família tinha sido dividida, onde pai e filha eram separados, onde filhos abandonavam as mães para morrer sozinhas. Nossos ancestrais tiveram uma visão, uma visão que não podia ser realizada em um mundo de fogo, guerra e ignorância. O fogo e a pestilência que se espalharam pela terra só não eram maiores do que o fogo e a pestilência de pensamentos e atos que pairavam como uma fumaça negra.”

Existe uma velha tapeçaria, frágil como uma asa de mariposa e colossal como uma nuvem pendurada com cuidado na parede atrás dele. Ela ilustra a fundação da ilha, cada ancestral indicado por uma cor de cabelo ligeiramente diferente. Os ancestrais chegaram na praia, construíram a igreja, construíram suas casas, tiveram filhos, se reuniram com diferentes crianças sob as árvores frutíferas, percorreram a ilha domando a natureza ou berrando com as aves (é difícil dizer),

consolaram os velhos, morreram e subiram ao céu. O pano usado para a tapeçaria, embora desbotado e rasgado, ainda é lindo: um tecido peludo verde entremeado de fios dourados, um pano grosso e liso como um corte de carne com borrifos marrons de água, um amarelo-claro que Vanessa sabe que um dia foi dourado e suntuoso como um pôr do sol.

Alma Moses, outra filha de viajante, uma vez contou a Vanessa que o pai dela mencionou uma máquina que funcionou mal nas terras devastadas e pôs fogo em tudo. Que praticamente o mundo inteiro pegou fogo. Um bocado do que o pastor diz se parece com isso. Primeiro fogo, depois pestilência. O flagelo. Mas, por outro lado, viajantes vão o tempo todo para as terras devastadas e voltam com tecidos, metal, papel, até animais, nada disso mostrando sinais de imolação. Talvez tudo tenha queimado e depois crescido de novo. Hannah Solomon, outra filha de viajante, disse que o pai contou a ela que foi uma doença, uma doença que apodrecia a pele e matava as pessoas na mesma hora. Outra menina, June Joseph, disse que então as pessoas mortas se levantavam e perambulavam por lá, incendiando as coisas com os olhos até seus corpos apodrecerem, mas June é conhecida por exagerar, e o pai dela é só um criador de carneiros.

Agora o pastor está falando sobre mulheres, o que até onde Vanessa pode dizer é o assunto favorito dele. Isso o deixa mais exaltado do que qualquer outra coisa. Ela o imagina andando pelo quarto à noite, atacando a mulher quando tudo o que ela quer é dormir. Ele tem dois filhos, então ela devia ser a única mulher disponível para ele repreender.

“Quando uma filha se submete ao desejo do pai, quando uma esposa se submete ao marido, quando uma mulher ajuda um homem, nós estamos venerando os ancestrais e sua visão. Nossos ancestrais estão sentados aos pés do Criador, e quando seus corações estão aquecidos, eles, por sua vez, aquecem o coração do Criador. Estas mulheres veneram os ancestrais com cada ato correto, com cada intenção certa. Sem dúvida, os ancestrais nos abrirão as portas do paraíso, e os avós de nossos avós nos receberão de braços abertos.” Vanessa sente o pai olhando para ela e, relutantemente, tira os olhos da janela.

“Só quando esses atos de submissão são feitos de coração aberto e de boa vontade”, o pastor continua, “só quando isso é feito com um espírito de integridade, é que podemos alcançar a verdadeira salvação.” Vanessa

sabe que se você não é salvo e vai para o céu, você mergulha para sempre na escuridão. Uma vez, antes de começar a ter seu pesadelo, ela perguntou à mãe se era isso que significava ir para o inferno, onde os monstros viviam. A mãe riu, mas depois ficou séria e disse que talvez sim. Graças a seu sonho, Vanessa agora conhece intimamente a escuridão no fundo da terra e o terror que provoca. Tenta ser virtuosa o tempo todo, especialmente em seus pensamentos. Imagina seu ancestral, Philip Adam, examinando cada pensamento indigno que ela possa ter e fazendo um xis preto num pedaço de papel.

“Homens, nós temos um papel nisso”, avisa o pastor. “Temos que tratar nossas filhas com gentileza e sensibilidade. Não devemos feri-las por capricho, ou prejudicá-las, mas nos relacionar com elas como os ancestrais se comprometeram quando deixaram uma terra ameaçadora. Devemos entregá-las seguras, sensatas e amadas a seus maridos. Devemos permitir que nossas esposas se sintam cuidadas, tanto quanto se sentiam nos braços de seus pais quando eram crianças.”

Vanessa se vira para olhar para Caitlin Jacob, que sempre tem marcas roxas de dedos em seus braços, justo quando as pessoas sentadas perto dela viram a cabeça para olhar para outra coisa.

“Nossa sociedade tem como base nossas mulheres”, diz o pastor, “filhas e esposas zelosas, mas precisamos ajudá-las e protegê-las. Precisamos ser bons pastores. Precisamos nos lembrar dos ensinamentos dos nossos ancestrais e do motivo pelo qual eles vieram para esta terra.”

Há um movimento no canto da visão de Vanessa, e ela percebe espantada que Janey Solomon está olhando para ela alguns bancos à frente. Vanessa e Janey são as únicas meninas na ilha com cabelos ruivos, o que lhes dá um certo status que teriam mesmo que não tivessem suas outras qualidades. O de Vanessa é castanho-avermelhado, que ela acha sem graça perto do de Janey, que é cor de fogo. Um vermelho quase cor de laranja, cujas mechas lançam um brilho cor de cobre. Ela parece emanar uma luz própria de onde está sentada.

Vanessa fita com hesitação os olhos de Janey, que são de um cinza quase sem cor, e de repente as pupilas dela se dilatam, até que seus olhos parecem negros. Franzindo a testa, Vanessa se lembra da última vez em que Janey a encarou, anos antes, e o que aconteceu depois com o pai na mesma semana. Seu coração bate mais rápido. Será que Janey pode ver o

futuro?

Todo mundo tem medo de Janey. Ela ainda não menstruou aos dezessete anos, o que é inusitado. Dizem que não come quase nada, para evitar que isso aconteça, come apenas o suficiente para manter os olhos abertos e o sangue correndo nas veias. Vanessa tentou isso uma vez, para ver como seria não comer quase nada. Ficou cansada e com fome de tarde, e acabou jantando duas vezes.

Parte da aura de intimidação de Janey vem de lembranças do verão. Quando o verão chega, Janey e sua irmã mais moça, Mary, são imbatíveis. Até os meninos têm medo delas. Dizem que Janey arrancou o olho de Jack Saul e fez isso parecer um acidente. Dizem que o pai tem tanto medo dela que nem fala dentro de casa. Dizem que ninguém jamais encostou a mão nela sem se arrepender disso.

E agora ela está encarando Vanessa. Ofegante, Vanessa olha para ela, depois desvia o olhar, sem conseguir fixar aqueles olhos escuros. O que ela quer? Vanessa olha para o outro lado até se sentir tonta, e então torna a olhar para ela. Mas então vê que Janey está olhando para além dela, para outra pessoa — ou talvez olhando para o nada e correndo em círculos em sua estranha cabeça cor de fogo.

Vanessa observa a trança incandescente de Janey, tão brilhante que parece se mexer, retorcendo-se sobre seu ombro. Quando chega a hora de se levantar, Vanessa se esquece, e o pai toca no ombro dela. Ela dá um pulo.

Está na hora da leitura das leis da ilha, que o pastor chama de mandamentos ancestrais, e as outras pessoas chamam de os “não deverás”. *Não furtarás. Não ouvirás a conversa de teus vizinhos.* A mente de Vanessa divaga enquanto sua boca forma as palavras tão familiares que ela seria capaz de repeti-las dormindo. *Não deverás desobedecer a teu pai. Não entrarás na casa de outro homem sem seres convidado. Não deverás criar mais do que dois filhos. Não deixarás de dar a recompensa devida ao teu viajante.* Há muitos mandamentos, mas ela não se lembra de um tempo em que não os conhecesse. O pai uma vez lhe disse que antes só havia cerca de dez, mas o número aumentou à medida que os viajantes ficaram mais sábios. A voz da congregação cresce para sustentar seu murmúrio distraído. *Não deverás esquecer teu ancestral. Não tocarás numa filha que menstruou enquanto ela não entrar no seu verão de fruição.*